

## Tênis: um *lob* de direita

Leandro Rodrigo Santos de Souza

Realizado na Escola Estadual Heidi Alves Lazzarini, instituição localizada na Zona Sul da cidade de São Paulo, no bairro Parque Cláudia (unidade escolar que atende aos anos iniciais, 1º ao 5º ano, do Ensino Fundamental), no ano letivo de 2015, entre os meses de fevereiro e dezembro, o projeto “Tênis: um *lob* de direita” contou com a participação de quatro turmas do 5º ano.

Fundamentado no currículo cultural da Educação Física, com base em seus princípios e procedimentos didáticos, o presente trabalho foi planejado com o propósito de levar para a escola uma prática corporal que, a princípio, estava distante das aulas de Educação Física.

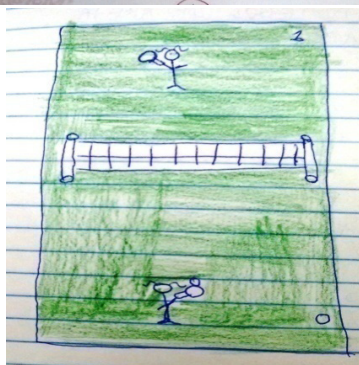
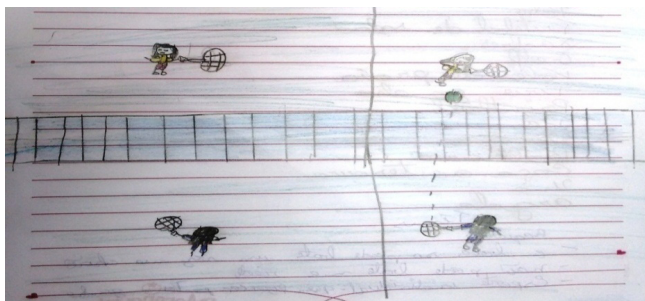
O trabalho teve por objetivo aprofundar e ampliar os conhecimentos dos estudantes acerca do tênis por meio de diferentes textos (livros, imagens, entrevistas, reportagens, pesquisas e vídeos) e do diálogo entre todos os envolvidos; assim foi possível realizarmos análises, reflexões, discussões e debates sobre o esporte estudado.

Com a intenção de saber quais esportes ainda não haviam sido tematizados nas aulas de Educação Física, as primeiras aulas do ano letivo foram destinadas ao mapeamento. Entre as diversas práticas corporais não estudadas, o tênis foi citado pelos educandos. Portanto, sabendo que na escola havia materiais que tornavam viável a tematização do tênis, anunciei a eles que iríamos estudar nas aulas seguintes a prática corporal citada.

Após o anúncio, seguimos para o mapeamento específico, com o objetivo de conhecer a relação dos estudantes com o esporte. Para obter tais informações, perguntei a eles: “O que você lembra quando a palavra é **tênis**?”

Os estudantes citaram diferentes equipamentos esportivos (bola, rede e quadra de saibro), atletas (Guga, Feijão e Nicole Pietrangeli), campeonatos (Rio Open e Open 300) e outros (faixa de cabeça, boné, prendedor de cabelos, calçados, internet, TV e uniformes). Concluída a conversa com

os estudantes, já pensando na vivência do tênis na quadra da instituição, solicitei que eles desenhassem no caderno uma quadra de tênis.



Registro do tênis em desenhos realizados pelos educandos.

A partir dos comentários e desenhos dos estudantes, planejei as aulas seguintes, nas quais eles conheceram alguns equipamentos da modalidade (rede, raquetes e bolinhas), que foram utilizados nas aulas, e definiram como seriam as partidas e suas regras.



Primeiras partidas.

Após algumas aulas de vivências, os educandos assistiram aos vídeos de alguns jogos,<sup>28</sup> em que observaram como era o início das partidas, a pontuação (*game* e *set*), o posicionamento dos atletas, árbitros e torcedores e os gestos realizados por eles.

Depois dos vídeos, na aula seguinte os estudantes comentaram as observações realizadas. Entre os diversos comentários, citaram algumas características referentes às quadras, jogadores(as), torcedores(as) e regras dos jogos, e também realizaram diversas perguntas: “O que é *set*?”; “O que é *game*?”; “Como ler os resultados dos jogos?”; “Qual é a duração do jogo?”; “Por quais motivos os torcedores do tênis e do futebol se comportam de maneiras diferentes?”.

Na aula seguinte, alguns educandos desenharam na lousa uma quadra de tênis, tendo como base as quadras vistas nos vídeos, e logo após fomos para a quadra, onde demarcamos o espaço de jogo (as linhas da quadra de tênis) e voltamos a jogar.



Demarcação do espaço de jogo.



Vivência.

Durante as vivências, os educandos contavam os pontos das partidas da seguinte forma: 1, 2 e 3, e logo após entrava o próximo educando para jogar. Sendo assim, na aula seguinte, conversamos sobre a pontuação das partidas de tênis (*set* e *game*) e solicitei que os estudantes pesquisassem na regra do tênis qual era o valor de cada ponto do *game* e quantos pontos eram necessários para concluir um *game*.

Ao consultar a regra do tênis, os estudantes puderam compreender que: o *game* é composto de 4 pontos, sendo que o 1º e o 2º ponto valem 15 pontos cada, o 3º, apenas 10 e o 4º ponto conclui o *game*. Logo, o atleta que fizer 60 pontos, ganha o *game*; o *set* é composto de 6 *games* (exceto alguns casos previstos na regra)<sup>29</sup> e a duração ou tempo das partidas depende da quantidade de *sets*, que podem variar de 3 a 5.

Ainda interessados em saber quais são as origens do tênis e por quais motivos a pontuação do *game* era desse modo (15, 30, 40 e 60), deixamos para tratar dessas e de outras questões nas aulas posteriores às vivências, nas quais as partidas tiveram duração de um *game*, de modo que os educandos pudessem acompanhar a contagem dos pontos e participar das partidas.

Entre as vivências, voltamos a consultar as regras do tênis para compreender o posicionamento dos atletas em quadra no momento do saque, pois, para uma parcela dos estudantes, os atletas deveriam se posicionar atrás da linha de fundo.

Ao consultar as regras do tênis, os estudantes compreenderam que o atleta que for efetuar o saque deve se posicionar atrás da linha de fundo, enquanto o receptor do saque pode se posicionar em qualquer local do seu espaço de jogo. Assim, voltamos para a quadra e realizamos novas partidas, utilizando as informações levantadas na aula anterior.



Vivência.

Na semana em que realizávamos vivências de partidas de tênis, os educandos pesquisaram em suas residências as origens do tênis, com a intenção de identificar país de origem, época, como eram os jogos, quem eram as pessoas que o praticavam e por quais motivos o tênis foi criado. Logo na semana seguinte, passamos a estudar as origens do esporte.

Com as pesquisas, os estudantes entenderam que o tênis teve origem na França, onde monges teriam realizado as primeiras partidas do esporte. Outra parte dos estudantes apurou que a modalidade era de origem inglesa, pois foi na Inglaterra que recebeu, pela primeira vez, o nome de tênis. Para auxiliar os estudantes a compreender as origens da modalidade, levei alguns textos que apresentavam outras versões da história.

Nos textos lidos, os estudantes puderam perceber que alguns pesquisadores apontam que o tênis é praticado há milhares de anos, com indícios do jogo na Grécia Antiga, enquanto outros afirmam que o jogo de *paume* deu origem ao tênis moderno, visto que foi a partir do século XII, na França, que os monges europeus desenvolveram um jogo que tinha por finalidade promover entretenimento entre as cerimônias religiosas.

Os textos auxiliaram os estudantes a perceber as diversas modificações que ocorreram ao longo do tempo, desde o *jeu de paume* até o tênis moderno: as primeiras partidas eram entre equipes, realizadas nos pátios dos mosteiros, e não era utilizado nenhum acessório ou equipamentos nas mãos. Ao longo do tempo, os praticantes passaram a utilizar luvas de couro, bastões de madeira e, finalmente, raquetes. Os textos relataram também a tentativa de alguns reis e da igreja de impedir a expansão desses jogos, quando as partidas passaram a ser realizadas nos castelos pelos nobres e jovens estudantes. Para atender ao entusiasmo esportivo dos burgueses, o *jeu de paume* passou por modificações e começou a ser praticado em diversos locais. Todas essas mudanças fizeram com que o jogo ficasse conhecido como *tênis real* ou *real*, e, por volta de 1870, surgiu uma nova versão portátil, que permitia às pessoas transportar todos os equipamentos (rede, bola e raquete, junto com um folheto de instruções) em uma caixa e praticar o esporte ao ar livre. Essa versão, agora conhecida como tênis, passou a ter o comportamento controlado por seus principais praticantes da classe alta.

Nas aulas posteriores, realizamos na quadra da instituição algumas vivências, levando em consideração as transformações que ocorreram com o jogo, conforme apontado nos textos. Nas primeiras partidas, os estudantes não utilizaram nenhum acessório ou implemento nas mãos e, nas partidas seguintes, passaram a usar luvas e outros objetos (chinelos, tênis, meias e raquetes) como implementos. E as partidas foram vivenciadas de diferentes formas – individual, duplas, trios, quartetos.



Jogo da palma da mão - sem acessórios ou implementos.

Após conhecer as origens do tênis moderno, ainda restavam dúvidas referentes à pontuação,<sup>30</sup> então solicitei que os educandos pesquisassem para a semana seguinte como foi construída a pontuação do tênis. Ao conversarmos, parte dos estudantes comentou que os inventores do tênis queriam apenas uma forma de pontuação diferente de outros esportes.

Na aula seguinte, retomamos o assunto e perguntei como foi construída a pontuação do tênis. O questionamento foi realizado com a intenção de auxiliar os estudantes a perceber que há várias histórias que narram o surgimento da pontuação do tênis, composta de *games* e *sets*.

Nos textos disponibilizados aos educandos, eles puderam perceber que alguns estudiosos associam o sistema de pontuação do tênis à Astronomia, ciência que utiliza um instrumento conhecido como sextante para medir a trajetória realizada pelo Sol ou ângulos de determinados objetos. Outros pesquisadores afirmam que o sistema de pontuação foi adotado do *jéu de paume*, e teria surgido pelo fato de as horas e os minutos serem divididos por 60 (sessenta), pois antes do sistema decimal era usado o sistema sexagesimal. Ainda há aqueles que estipulam que a pontuação é dessa forma devido à existência de mais três linhas de fundo

e ao fato de que, a cada ponto ganho pelos praticantes, eles avançavam algumas jardas à frente. Houve tentativas frustradas de mudar a pontuação do *game* para uma pontuação linear de 0 a 15.

Ao compreendermos as origens da pontuação do tênis e suas alterações, voltamos a vivenciar mais algumas partidas e seguimos para as férias escolares. No retorno, perguntei aos educandos se eles haviam praticado ou acompanhado alguns jogos de tênis. Em suas respostas foi notório perceber que parte deles realizou algumas vivências acompanhados de seus familiares e a maioria acompanhou partidas de tênis pela TV.

Assim como no semestre anterior, os comentários realizados no início do segundo semestre enfatizavam as preocupações e as curiosidades que os estudantes tinham sobre os atletas. Dessa forma, percebi que era o momento de ter como objeto de estudo os personagens do tênis e, para mapear os conhecimentos dos educandos sobre esses personagens, anotei no quadro: Personagens do tênis – Quais são? Como são?

Segundo os estudantes, os personagens que compõem o tênis são jogadores(as), árbitros, gandulas, torcedores, treinadores (personagem que eles tinham dúvidas se existiam ou não nesse esporte) e imprensa. Entre as características dos personagens mais citadas estão: são homens e mulheres, brancos, altos, fortes, magros, ricos, inteligentes, educados, bonitos, profissionais, possuem nomes estranhos e cabelos lisos. Enquanto os educandos apontavam as diversas características dos personagens, uma aluna perguntou: “Professor, o estranho é que todas as vezes que eu assisto aos jogos só vejo pessoas brancas. Olho na quadra, na arquibancada e não vejo ninguém negro. Só existe jogador de tênis branco?”.

Os educandos, incomodados com o comentário de que não existia no tênis atletas negros, chegaram a afirmar que alguma coisa estava errada com o tênis, pois se há negro no futebol, teria que haver negro no tênis. Alguns estudantes chegaram a comentar que teriam assistido a um jogo em que um jogador negro, com cabelo de capoeira ou rastafári, vence Rafael Nadal.<sup>31</sup>

Encerrados os comentários, combinamos de assistir ao jogo citado – Dustin Brown x Rafael Nadal.<sup>32</sup>



Educandos assistindo aos jogos Brown x Nadal e Safarova x Wozniacki.

Ao assistir aos vídeos, os educandos também puderam ver outros personagens do tênis (jogadores, árbitros, gandulas, torcedores, narradores e técnicos) e perceber que no tênis há alguns atletas negros.

Desse modo, na aula seguinte, eles compartilharam as observações realizadas, enfatizando as características físicas e as estratégias de jogo utilizadas pelos atletas (Nadal e Brown). Para concluir a aula, pedi que respondessem à questão realizada pela colega na aula anterior: “Por que a maioria dos jogadores de tênis são brancos?”

Para alguns estudantes, o tênis interessa mais às pessoas brancas devido à origem do próprio tênis, nos palácios. No entanto, parte deles acreditava que o principal motivo era que as pessoas negras não gostavam de jogar tênis e achavam esse esporte chato.

Até aqui, o projeto apontava o caminho para diversas problematizações – golpes do tênis, vestimentas dos jogadores, preconceitos, entre outras. No entanto, optei por iniciar pelos golpes do tênis e posteriormente tratar das questões raciais (o negro no tênis).

Agora comprovado que no tênis há alguns jogadores negros, perguntei aos educandos se era fácil se tornar um(a) jogador(a) de tênis. A princípio, entendiam que era só jogar bastante que qualquer pessoa se tornaria um jogador de tênis. Então solicitei que pesquisassem<sup>33</sup> como os jogadores Rafael Nadal e Dustin Brown se tornaram jogadores profissionais e apontassem qual deles encontrou mais dificuldades para se tornar um atleta profissional.

Enquanto os educandos pesquisavam sobre o início de carreira dos atletas citados, passamos a comentar alguns golpes do tênis, em que eles demonstraram os golpes utilizados pelos atletas e, após a demonstração, deram nomes a esses golpes.





Nomes dos gestos realizados pelos jogadores, segundo os educandos.

Encerradas as nomeações dos golpes, na aula seguinte os educandos demonstraram os golpes citados e concluímos com a realização de mais algumas partidas.



Educandos vivenciando os golpes demonstrados pelos colegas.

Após as vivências, ao conversar com os educandos, eles comentaram que os golpes tinham nomes diferentes, seus nomes eram *backhand* e *forehand*. Eles denominaram o *backhand* de batida lateral/lado/meio de raquete e quanto ao golpe *forehand*, eles ficaram divididos entre os golpes, saque alto/batida nas alturas e batida diagonal/para cima/curvada/colateral/*overhand*. Para esclarecer as dúvidas, pesquisamos como eram esses golpes.

De acordo com a pesquisa, os educandos concluíram que o *forehand* é um golpe executado do mesmo lado do corpo em que o(a) jogador(a) segura a raquete, e o *backhand* é o golpe executado do lado contrário em

que o(a) jogador(a) segura a raquete. Compreendendo um pouco mais os golpes citados, voltamos a realizar novas vivências, em duplas.



Vivências em duplas.

Nas aulas seguintes, voltamos a comentar sobre os atletas Dustin Brown e Rafael Nadal, com o objetivo de entender como eles se tornaram atletas profissionais e as dificuldades encontradas para chegarem ao profissionalismo.

Os educandos apontaram que Dustin Brown foi quem encontrou mais dificuldades para chegar ao tênis profissional, quando comparado a Rafael Nadal.<sup>34</sup>

Segundo eles, ao pesquisarem as trajetórias percorridas por cada atleta, foi possível perceber como elas são tão diferentes.

Nadal nasce no ano de 1986, na Espanha, em uma família rica e de esportistas, muito conhecida pela mídia. Entre 3 e 4 anos de idade, ele começa a jogar tênis e, aos 5 anos, passa a treinar no clube com seu tio; aos 12, ele conquista seus primeiros títulos (europeu e espanhol) e, ano de 2002, aos 17 anos, ele joga sua primeira partida como profissional.

Já Brown, atleta de dupla nacionalidade (alemão-jamaicano), nascido na Alemanha no ano de 1984 e de cidadania jamaicana, aos 8 anos de idade escolhe o tênis como seu esporte preferido. Aos 11, ele deixa a Alemanha e vai morar na Jamaica, onde, sem recursos financeiros, passou a treinar em quadras públicas. Mas a necessidade de dar prosseguimento à carreira fez com que em 2004 ele retornasse à Alemanha para melhorar sua posição no *ranking*. Para isso, ao chegar à Alemanha, seus pais o presenteiam com uma *van* (Kombi) equipada, com a qual ele viaja pela Eu-

ropa e passa a participar de diversos torneios sem gastar muito dinheiro. No ano de 2009, ficou conhecido após chegar às finais de alguns torneios e, no ano seguinte, tornou-se jogador profissional.

Com a análise da carreira dos atletas, os educandos puderam reconhecer que não é simples nem fácil se tornar um(a) jogador(a) de tênis, ainda mais quando o atleta nasce em uma família pobre, ou seja, a falta de recursos financeiros fez com que Brown levasse mais tempo que Nadal para se tornar um jogador profissional. Sendo assim, foi perceptível para os educandos que as condições econômicas de uma família podem alterar totalmente a vida das pessoas, seja no que elas irão vestir, calçar, comer, trabalhar, brincar, seja no acesso à sociedade.

No decorrer dessa aula, uma professora das turmas participantes do projeto convidou um professor de tênis para vir conversar com os educandos, pois a visita seria importante para enriquecer e permitir aos educandos conhecer outras vozes e ter contato com um dos personagens do tênis – o técnico.

Ao ter a confirmação da visita do professor de tênis, fizemos um roteiro de perguntas. O roteiro de questões foi composto de perguntas sugeridas pelos educandos das três turmas do período vespertino, e as questões elaboradas foram divididas em três blocos: vida pessoal, profissional e tênis.<sup>35</sup>

Entre essa aula (de elaboração das perguntas) e a entrevista com o professor Dino,<sup>36</sup> aproveitamos para conhecer as regras utilizadas pela FPT para os jogos em duplas e coletivamente destacamos algumas regras para as vivências em duplas.



Educandos jogando com as regras propostas.

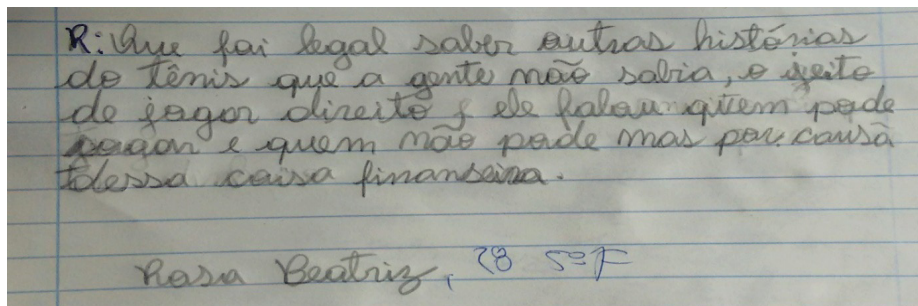
Na semana seguinte, recebemos a visita do professor de tênis Dino, que respondeu a todas as questões propostas pelos educandos e se dispôs a conduzir algumas vivências em outro momento.<sup>37</sup>



Professor Dino respondendo às questões levantadas pelos educandos.

A entrevista com o professor possibilitou que os estudantes acessassem novas e diferentes informações acerca do tênis e conhecessem um dos personagens desse esporte.

Na aula após a palestra do professor Dino, conversei com os educandos para saber quais assuntos e comentários chamaram mais a atenção deles na palestra. Os pontos destacados foram: o tênis no Brasil e os principais jogadores brasileiros – Gustavo Kuerten e Maria Esther Bueno; o início de carreira de alguns atletas brasileiros; estilo de roupas/uniforme dos tenistas; e o acesso do negro ao tênis. Finalizamos a aula com os educandos escrevendo suas opiniões sobre a palestra assistida.



Comentário de uma educanda.

A partir dos destaques apontados, na aula seguinte os educandos leram uma entrevista da tenista Teliana Pereira, em que a atleta comentou o início de sua carreira, a importância das quadras públicas, o tênis no Brasil e seus principais tenistas – Maria Esther Bueno, Tomas Bellucci, Fernando Meligeni e Gustavo Kuerten/Guga. Durante a leitura do texto, disponibilizei algumas imagens dos atletas citados.



Imagens dos atletas Teliana Pereira, Guga, Maria Esther Bueno, Bellucci e Meligeni.

Na aula seguinte, assistimos a dois vídeos: o primeiro com o seguinte título “Teliana Pereira – ESPN Brasil – Histórias do Esporte”<sup>38</sup> –, que mostra o início da carreira da tenista; e o outro, “O ponto de(a) partida”<sup>39</sup> – documentário que mostra a origem e o funcionamento do projeto social “Jogue Tênis” e conta com comentários de diversos atletas sobre o projeto, além de outros assuntos comentados pela tenista Teliana Pereira em sua entrevista.

A partir dos textos acessados (entrevista e vídeos) e das conversas com os educandos, notei que eles puderam conhecer um pouco mais alguns fatores (poucas quadras públicas e falta de manutenção das que existem, alto valor dos equipamentos e da locação das quadras) que afastam as pessoas de baixa renda do tênis e saber que há projetos sociais que tentam

aproximar essa modalidade esportiva da população mais carente.

Realizada a vivência de mais algumas partidas, nas aulas posteriores voltamos a tratar do acesso do negro ao tênis. Para iniciar o bate-papo com os educandos, levei dois textos: “Tênis e racismo”<sup>40</sup> e “Serena Williams explica alguns aspectos de como o racismo funciona”.<sup>41</sup> Respectivamente, o primeiro destaca a chegada do esporte inglês aos Estados Unidos; sua afirmação como esporte para pessoas brancas; barreiras sociais, econômicas e institucionais que impediam os negros de terem acesso aos clubes dos brancos; o acesso à modalidade, a superação e o sucesso de alguns atletas negros. No segundo texto, Serena Williams comenta algumas de suas experiências – seu início de carreira, preconceitos e dificuldades que os atletas amadores encontram para se profissionalizar na modalidade.<sup>42</sup>

Com os textos, os educandos puderam compreender um pouco da luta dos negros para ter acesso ao tênis e serem reconhecidos nesse esporte, e também puderam conhecer o início de carreira de uma das principais jogadoras do tênis internacional.

Depois desse longo percurso, com diversas paradas para compreender o tênis, nas aulas seguintes realizamos diversos jogos amistosos interclasses – simples e duplas.

Para concluir o projeto, os educandos realizaram uma autoavaliação contando o que aprenderam durante nossa caminhada pelo tênis.

Com a autoavaliação, puderam comentar as aprendizagens adquiridas durante o percurso percorrido, compreender a prática corporal estudada, ou seja, o projeto possibilitou aos educandos ampliar e aprofundar seus conhecimentos sobre a modalidade.

### **Considerações finais**

Durante o projeto percebemos que um dos fatores que permitem e proíbem o acesso de diversas pessoas ao tênis é o mesmo: o socioeconômico, fator que permanece invisível para a maioria dos sujeitos excluídos e distanciados dessa modalidade. Ou seja, os altos valores cobrados pelas aulas e a falta de quadras públicas afastam os negros e pobres dessa modalidade esportiva, e o fator econômico também os mantém ainda distantes das arquibancadas, devido aos altos valores dos ingressos, e das transmissões pela TV, pois são

pouquíssimos os jogos televisionados por canais de TV aberta.

Como não bastasse as dificuldades encontradas, além dos artigos esportivos (raquetes, bolas, redes, calçados, roupas e outros equipamentos) serem caros, ainda falta investimento tanto do setor público quanto das federações de tênis para a democratização desse esporte, assim como para a permanência na ativa daqueles sujeitos de origem humilde que acessam a modalidade.

Ao olhar esse cenário e analisar algumas jogadas do tênis, o trabalho recebe o título de “Tênis: um *lob* de direita”, devido à existência de pessoas e organizações que lutam para possibilitar o acesso dos desprivilegiados a essa modalidade, na qual raramente alguns atletas oriundos desses projetos e das camadas mais baixas da população conseguem se firmar com o auxílio de patrocínio e até mesmo prestando outros serviços na tentativa de sobreviver na modalidade. Ao não criar condições de permanência, se concretiza o *lob* – jogada clássica, elegante, inteligente, eficiente e desconcertante –, que, embora esteja dentro das regras do jogo, é considerado antijogo, um antijogo que tem por objetivo eliminar as chances de o adversário progredir na partida.

Concluimos apontando que não são apenas os problemas econômicos que afetam os mais necessitados, mas inúmeras forças que atuam para afastar os diferentes sujeitos dessa modalidade, tornando sua prática um privilégio para poucos.